Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

A linguagem das máscaras ritualistas dos povos nativos da África: o valor do conhecimento artístico e cultural na história da humanidade.

Sheila Cristine Rocha PDE[1]

Josie Agatha Parrilha da Silva[2]

RESUMO. O presente artigo é o resultado do trabalho realizado durante o Programa Desenvolvimento Educacional (PDE) no ano de 2013-14 com o apoio da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e propõe uma análise sobre a arte e a cultura africana no âmbito pedagógico segundo a reflexibilidade crítica evidenciada no conhecimento e na prática. O encaminhamento metodológico teve como base desfazer e/ou minimizar os preconceitos adquiridos socialmente apresentando de forma didática o continente africano além de seus extremos: ou a miséria ou a beleza das savanas. O desconhecimento sobre o valor da cultura africana desencadeou ao longo da história do Brasil desigualdades em todos os campos das relações sociais e até hoje se constata que os afro-brasileiros e descendentes vivenciam situações e comportamentos em que são discriminados. Cientes disso buscou-se promover a valorização da cultura negra, contemplando o conhecimento artístico e cultural das máscaras africanas cuja importância social as tornou sacralizada, todavia, os alunos do 2º ano do Ensino Médio, período diurno, do Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha pesquisaram sobre as máscaras referentes a países da costa ocidental marcada pela forte diáspora; as desenharam em papel sulfite A3 e as confeccionaram com a técnica papietagem sobre bexiga. A implementação do projeto teve a cooperação da Direção, Equipe Pedagógica, Equipe Multidisciplinar e Agentes Educacionais cujo processo, resultados e reflexões serão aqui socializados.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Máscara africana. Técnica de Papietagem. Professor PDE. Artigo Final.

1 Introdução

Pretende-se neste artigo, apresentar o desenvolvimento de uma abordagem didática realizada no Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, período diurno. O objeto de estudo refere-se à linguagem das máscaras ritualistas dos povos nativos do continente africano, mais precisamente da costa ocidental, onde a diáspora via transatlântica foi um marco na história da colonização do Brasil.

As consequências de quase quatro séculos de dominação e exploração ainda são sentidas e apenas recentemente, ações começaram a fazer parte da pauta política no intuito de reconhecer o papel civilizatório que os negros desempenharam

[1] Professora da Rede Pública de Ensino do Paraná. Email de contato: artes@she.art.br

[2] Professora Doutora Orientadora. Email de contato: josieaps@hotmail.com

na formação da sociedade brasileira (OGOT, 2010). No entanto, apesar das conquistas do homem contemporâneo, as diferenças sociais se mantêm e progridem e o preconceito contra o negro e o mestiço é uma das desigualdades que, mesmo depois de não mais haver escravidão à elite brasileira buscou “branqueá-los”, tanto pela miscigenação tanto pelo abandono de suas raízes culturais (SOUZA, 2008).

É neste sentido, de reconhecimento e valorização da arte e cultura negra, que este trabalho se direciona, consumando a aplicabilidade da Lei no. 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da Educação Básica, com o intuito de desconstruir as relações sociais que são e estão arraigadas de preconceitos. Desta forma, permite-se outro olhar por meio do conhecimento e do diálogo que o ambiente escolar proporciona. A importância da cultura negra em nosso meio é trabalhada numa linha construtivista de práxis pedagógica, tendo o professor que estimula uma forma de pensar, reconstruindo o conhecimento e o aluno não mais passivo, constrói este novo pensamento conciliando teoria com a prática, ou seja,

> [...] é através da educação que se podem conduzir os indivíduos ao reconhecimento e à valorização da diversidade cultural brasileira, pois a escola deve ter por objetivo a construção de valores e do respeito necessários para a efetivação da cidadania plena para todos (AMARAL, 2009, p.162).

A implementação do projeto ocorreu no Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha, em Marialva, estado do Paraná e seguiu os encaminhamentos metodológicos descritos em formato de Unidade Didática elaborado no Programa Desenvolvimento Educacional (PDE) no ano de 2013-14 com o apoio da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Iniciou-se com a apresentação dos objetivos, justificativa e contribuição social do referido Programa; em sequência, apresentou-se a importância do tema estudado, com texto explicativo sobre a diáspora africana; a respeito da influência presente da cultura africana em nosso meio, como a culinária, a música, o vocabulário, dentre tantas outras expressões. Os alunos assistiram a vídeos e viram imagens reproduzidas que mostram a África hoje, com suas grandes capitais e grandes centros. Este enfoque na face positiva do continente africano foi uma das

ações responsáveis por destituir certos estereótipos construídos socialmente e culturalmente.

Com os alunos melhor preparados e receptivos, estudou-se por meio de textos, vídeos e imagens reproduzidas as máscaras dos países da costa ocidental como: República dos Camarões (máscaras do povo Bangwa, Bamoum e Bamileke), Gabão (máscaras do povo Punu), Costa do Marfim (máscaras do povo Bete, Guro e Baule), Guiné (máscaras do povo Baga) e Nigéria (máscaras do povo Edo) em considerações também atuais tanto pelos africanos como pelos ocidentais.

O trabalho prático artístico iniciou-se com o desenho das máscaras africanas em grafite sobre papel sulfite A3 a partir de reproduções fotocopiadas; passando para a confecção da máscara, utilizando a técnica papietagem sobre bexiga. Para tanto, foi necessário uma sala de aula que ficaria a disposição até a conclusão da máscara, cujos últimos procedimentos seriam o acabamento com massa corrida e pintura com tinta guache. Ao findar este trabalho de confecção das máscaras, os alunos fizeram uso do laboratório de informática (antes inutilizável por problemas técnicos) e pesquisaram sobre a própria máscara, sobre o povo ou o país que a detém. Realizaram uma breve descrição em formato de etiqueta, utilizada como parte integrante da máscara quando esta for exposta juntamente com as atividades propostas pela Equipe Multidisciplinar da Escola na semana referente à Consciência Negra no mês de novembro, com data prevista para o dia 28.

Pretendeu-se que a apropriação do conteúdo resultasse na compreensão das consequências do modelo escravocrata do nosso país, valorizando a cultura africana por meio do conhecimento e possibilitando aos alunos que novas perspectivas, novos conceitos fossem formados na busca do melhoramento das relações interpessoais.

Este trabalho foi socializado em grupo de estudo (GTR) e rendeu inúmeras alternativas de aproveitamento. Foram relatadas práticas pedagógicas diferenciadas quanto à confecção das máscaras e contextualização da cultura africana como: o trabalho de Nelson Mandela, de Goya Lopes, de estamparias, de pintura corporal, de símbolos como adinkras, de outros materiais de suporte da máscara (madeira, telha, cabaça, papelão), de pinturas alternativas (com terra, com colorau), sugestão de filmes, de peças teatrais, de músicas, em suma, reconhecendo a cultura africana em nós por meio de experiências profissionais e pessoais muito sensíveis e importantes para este projeto.

> Ao mudarmos a maneira como nos aproximamos desses temas e percebermos a importância dos africanos e afro descendentes para a nossa formação, assim como o valor das sociedades africanas, que tem muito a contribuir para a história da humanidade como um todo, estaremos caminhando para o fortalecimento da autoestima de todos os afro-brasileiros em geral. (SOUZA, 2008, p.145)

2 Revisão de Literatura

A diáspora africana, especialmente via transatlântica foi um marco na história da colonização do Brasil. Europeus, já com seus mercados saturados saem em busca de novas terras, novos investimentos e dotados de conceitos errôneos intitulam-se descobridores. São construtores de estereótipos que empregaram as noções de branco e de negro, nomeando genericamente os colonizadores, considerados superiores e os colonizados, os africanos, transformados em uma mercadoria e destinado ao trabalho forçado, simbolizando na consciência ilusória de seus dominadores um ser inferior (OGOT, 2010).

Proximamente ao final do século XX, tem-se considerado o papel civilizatório que os negros vindos da África desempenharam na formação da sociedade brasileira e o enfrentamento da desigualdade entre brancos e negros ganhou maior relevância com a Constituição de 1988 reconhecendo a prática do racismo como crime. Esta decisão da sociedade brasileira anseia superar a herança persistente da escravidão e no âmbito educacional, por meio da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e com a aprovação da Lei 10.639 de 2003, tornou-se obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira com a responsabilidade de promover a valorização da contribuição africana visando estimular o conhecimento sobre a história e cultura da África e dos africanos, a história e cultura dos negros no Brasil e as contribuições na formação da sociedade brasileira (OGOT, 2010).

São muitas as ações mobilizadas para que condições igualitárias sejam alcançadas em uma sociedade que respeite as diferenças percebendo-as como uma riqueza étnica e cultural. Assim, a noção de raça cede à noção de cultura permitindo

que o padrão da civilização ocidental que se julgava superior fosse questionado e este novo olhar, de conscientização, de fortalecimento da autoestima, de valorização das raízes busca o reconhecimento de sua importância (SOUZA, 2008).

Nota-se no decorrer da história que a religião, a arte e a cultura se congregam. Os deuses, a idolatria e a crença em espíritos protetores ou seres poderosos ocupam papel importante possuindo significados dos mais diversos não pertencendo a um nível baixo ou alto de cultura da civilização (HERMANN, 1967). Assim é com o universo africano, dividido por conceitos: o mundo natural é o concreto, o que tocamos; o mundo social é o resultado da nossa vida em grupo e o mundo sobrenatural é o das religiões, da magia, aos quais os homens só tem acesso parcial, por meio de determinados ritos e cerimônias. Os sacerdotes estabeleciam contato com espíritos ancestrais (que haviam sido líderes, pessoas que tinham deixado sua contribuição para o povo) e recebiam orientações para diversas situações da vida em comum (SOUZA, 2008), pois, a relação do homem com a sociedade implicava na participação dos rituais, das festas, das crenças: a vida comunitária tinha mais valor do que a participação individual. Além disso, consideravam e compreendiam a vida como um ciclo de nascimento, casamento, procriação, morte e vida pós-morte e para tornar a transição mais fácil, eram cumpridos os ritos especiais garantindo a passagem harmoniosamente (OGOT, 2010).

Em um mundo marcado por rituais que simbolizam os ciclos da vida, da morte e do pós-morte que a arte transcende a forma em proveito de seu conteúdo, vale a significação, vale o simbólico, sobressai então, as máscaras, consideradas as intercessoras entre os homens e o além. A crença e o respeito pela máscara e pelo mascarado são determinantes e assume papel essencial na harmonia da coletividade. São usadas nos rituais que marcam as passagens; há máscaras sagradas, que são protetoras e representam uma divindade, Deus e os ancestrais; há as máscaras profanas usadas em momentos de festa e divertimentos, representam os ancestrais da família visando atrair sua alma e capitalizar sua essência vital, pois estes são a memória do povo, são os que contam as histórias (ADOLFO, 2009). Quanto aos usos e funções elas correspondem ao ciclo anual dos ritos agrários (semeadura, colheita) e ao ciclo da vida (iniciação, morte). Uma máscara tem função religiosa porque faz a mediação entre deus, os ancestrais e os homens; tem função política porque garante a hierarquia social ao manter a ordem e

a justiça intervindas nas decisões vitais; tem função social, pois assumem o papel de supervisores, julgam e punem os malfeitores, mas mesmo o mascarado estando sob anonimato ele é vigiado também pelas autoridades políticas para que possa sempre agir com senso de justiça; tem função educativa e cultural, transmitem saber, são conselheiras, enfatizam as coisas importantes que devem ser seguidas ou evitadas; tem função de iniciação nos ritos de passagem aos jovens; tem função funerária ao encaminhar a alma do defunto conduzindo-o ao reino dos espíritos para que possa se transformar em força vital e beneficiar seus descendentes e há as máscaras zoomórficas, que são bem variadas e desempenham papéis nos mitos criadores e nos ritos de adivinhação (ADOLFO, 2009).

Diversos materiais são utilizados na confecção das máscaras que são escolhidos e associados em função da sacralidade ou do simbolismo que ela exprime. Usa-se principalmente a madeira, mas também fibras vegetais, cabaças, couro, metais, caramujos e contas. Quem cria as máscaras (escultor) segue também um ritual, desde a escolha da matéria-prima, do isolamento, além de estar isento de impurezas para poder fazer bem o seu trabalho. A cada utilização a máscara é repintada, ganha “vida” sendo que nos períodos cerimoniais são cuidadas e até servidas e “alimentadas” (ADOLFO, 2009).

A função da arte sempre foi capacitar o homem a incorporar aquilo que ele não é, mas, tem possibilidade de ser, então, quando este se apodera da natureza transformando-a pelo trabalho e vice-versa sente-se também um mágico, ou seja, a arte torna-o capaz de suportar e transformar a natureza e ele sempre se revoltará contra as próprias limitações, lutará pela imortalidade e é este processo de recriação que está à magia da arte e que torna o homem o mágico supremo (OSTROWER, 1998; FISCHER, 2002).

A educação por meio da arte preza o conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos e de outras nações e esta familiarização com culturas não dominantes é que permite uma abertura para a riqueza cultural da humanidade. E nesse sentido, de ampliação da percepção e da imaginação, é que é possível realizar a leitura das imagens enfatizando o conteúdo e a significação da arte africana e não apenas no seu aspecto descritivo (PORTELA, 2003). Esta capacidade de leitura de imagem pode ser adquirida por meio do conhecimento ao compreender a arte como uma construção histórica, uma linguagem, que também cumpre uma função espiritual de expressão e afirmação do homem. Portanto,

pesquisar, argumentar, buscar respostas, contextualizar, é um dos meios capazes de superar os preconceitos construídos ao longo da nossa história (SCHLICHTA, 2009).

3 Metodologia, Resultados e discussões

A implementação do projeto de intervenção pedagógica ocorreu no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante do Município de Marialva - PR com os alunos do 2º ano Ensino Médio do período matutino.

Estes alunos, entre 15 e 18 anos, estão numa fase que se bem motivados, respondem com sucesso aos trabalhos propostos, porém, considerou-se também a necessidade de confrontá-los com o novo, com o que é diferente do que se está habituado promovendo outra percepção em relação à cultura africana, agora contextualizada, compreendida e admirada. Desfaz-se o pré-conceito e consequentemente o preconceito passa a ser repensado.

Na primeira exposição oral foi apresentada a forma como se desenvolveu o projeto, a escolha do tema, os objetivos e como o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) se configura. Também se atestou a importância e a contribuição da cultura africana; os alunos assistiram a vídeos e observaram imagens reproduzidas do continente africano, seus países, capitais e metrópoles e para isso, foi utilizada a televisão multimídia. Dando sequencia ao conteúdo, cada aluno recebeu um texto, leram sobre a diáspora africana e como ocorreu todo o processo de (des) culturalização de um povo e realizaram uma atividade descritiva onde puderam explanar os seus entendimentos. No decorrer deste estudo apresentaram-se as máscaras africanas, utilizando também os recursos tecnológicos audiovisuais, expondo seus países de origem, suas características, simbologias, funções, formas, cores e como são tratadas e comercializadas hoje.

Foi proposto desenhar em papel sulfite A3 uma máscara africana e para isso, cada aluno ou em equipe escolheram dentre muitas imagens de máscaras apresentadas, uma em particular. A princípio esta atividade era para ser realizada em tamanho A4, mas concluiu-se que para uma exposição o tamanho A3 seria mais

condizente. Esta atividade de desenho dirigido foi realizada em 5 aulas, excedendo o tempo proposto e descrito na Unidade Didática. A etapa seguinte, relacionada à pesquisa sobre a origem da máscara desenhada teve que ser alterada, pois devido a problemas técnicos não foi possível utilizar o laboratório de informática, então, seguiu-se o encaminhamento para a confecção da máscara a partir da exposição teórica e visual da técnica papietagem e papel mache utilizando a televisão multimídia e o Datashow apresentando-a em passo-a-passo. É neste momento que a contribuição do grupo de estudo (GTR) se faz notar, pois os professores apresentaram diferentes práticas pedagógicas da confecção das máscaras, principalmente no suporte e nos materiais de acabamento já explicitado neste artigo e este novo aprendizado, as sugestões de outras abordagens didáticas demonstram a importância da continuidade destas ações e que sejam incluídas no projeto político pedagógico da escola para que não fique restrita apenas a data referente à Consciência Negra.

Para realizar o trabalho com a técnica de papietagem o material foi assim dividido: a Escola cedeu as colas, os pincéis, as tintas, o material de limpeza e uma sala alternativa que foi fundamental para o aproveitamento da aula, a professora, as bexigas e os alunos trouxeram jornal sendo que uma aluna trouxe massa corrida para todos (acabamento que a princípio não estava previsto, mas que foi bem aceito, pois se identifica o comprometimento do aluno com a atividade). Iniciou-se então, a confecção das máscaras em papietagem (colagem de papel rasgado sobre bexiga) e uma das dificuldades foram que ao retornar na aula seguinte, notava-se que a bexiga havia esvaziado e num ou noutro caso, o aluno tinha que recomeçar o processo, pois, o suporte estava fragilizado devido a poucas camadas de jornal. Porém, como a bexiga ao ser recortada ao meio resulta em duas faces, alguns alunos, cuja técnica estava ótima, cediam a seus amigos a parte excedente e estes, continuavam a modelagem a partir daí dando sequência a mais algumas camadas de jornal recortado e colado.

Finalizada esta etapa de papietagem, os alunos utilizaram a massa corrida, uniformizando a superfície da máscara utilizando as próprias mãos como ferramenta, conclusão que chegaram após tentarem com o pincel. Houve dificuldade nesta aplicação, visto que cada camada de massa corrida deve ser fina e somente depois de seca repete-se outra camada e assim sucessivamente. Os alunos apresentaram-se ansiosos, pois, queriam finalizar mesmo que para isso

comprometessem o resultado final e um ou outro, exagerou na espessura da camada cujo risco após secagem seria trincar. Após esta etapa, os alunos fizeram uso de uma lixa fina (gramatura 220) homogeneizando a superfície e ao concluí-la, de posse de seus desenhos das máscaras, as copiaram utilizando lápis grafite sobre o molde/suporte e passou-se para a última parte, a pintura, realizada com tinta guache e depois de concluída a obra, alguns alunos ainda fizeram uso do lápis grafite 6B e até do lápis de cor evidenciando as linhas, a luz, a sombra, ou seja, os detalhes e particularidades de cada máscara.

Com as máscaras prontas e o laboratório de informática ativo, os alunos pesquisaram sobre a própria máscara (origem, forma/função), escrevendo o resumo em formato de nota explicativa, tipo etiqueta. As máscaras foram expostas na quadra esportiva da escola, no dia 20 de novembro de 2014, em referência ao Dia da Consciência Negra, participando do evento promovido pela Equipe Multidisciplinar.

4 Considerações finais

Esta análise observativa apresenta os resultados obtidos com a implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica concebido no Programa Desenvolvimento Educacional (PDE) no Estado do Paraná, em parceria com a Universidade Estadual de Maringá (UEM), iniciado em 2013 e cumprido na escola em 2014, sob orientação da Profa. Dra. Josie Agatha Parrilha da Silva, cuja dedicação e competência tornaram imprescindível para a realização do mesmo.

A pesquisa propôs um estudo sobre a contribuição da cultura africana em nosso meio com o objetivo de que pela valorização do conhecimento artístico e cultural dos africanos e afros descendentes pudéssemos desfazer conceitos errôneos que nos foram apresentados ao longo da nossa história acadêmica e social. Percebeu-se no decorrer do envolvimento com o assunto, como os alunos desconhecem a própria origem histórico-cultural, pois, se mostravam atônitos diante de situações corriqueiras como ao entender que macumbeiro é aquele que toca macumba (tipo de instrumento similar ao reco-reco e também uma espécie de árvore daquele continente) e como este termo é usado pejorativamente ou ainda, os exemplos de vocábulos de origem africana incorporados a nossa linguagem como:

babá, camundongo, canjica, chilique, geringonça, moleque, serelepe, quindim, dentre tantos outros. Entretanto, eles compreenderam que é preciso conhecer e estudar para postar-se com retidão diante do desconhecido, não sendo necessário pré-julgamentos, visto que o conhecimento é base para identificar a cultura do outro, respeitando-a.

Percebe-se que os objetivos propostos foram satisfatórios, pois os alunos detiveram o conhecimento sobre a diáspora africana, em especial aos países nas regiões costeiras do Oceano Atlântico como os povos da Guiné, Costa do Marfim, Nigéria, Camarões, e Gabão; identificaram a arte africana com enfoque nas máscaras compreendendo suas funções sociais, política e religiosa e a linguagem plástica ao confeccionar uma máscara com a técnica de papietagem ressaltando suas características ímpares que se diferenciam geograficamente. Os alunos compreenderam que a máscara ficaria retida sob os cuidados da professora até ser exposta, apesar de alguns estarem ansiosos para disfrutar do mérito de um trabalho cujo resultado foi maravilhoso (ver anexos).

Todo o percurso da implementação foi bem estruturado e os mínimos contratempos ocorridos foram contornáveis, como a prática ter excedido o tempo previsto (para isso, os alunos foram convidados a vir na escola no período do recesso) ou a pesquisa no laboratório de informática ter sido posterior a conclusão da confecção das máscaras, entretanto, nem todos os alunos encontraram o teor principal da pesquisa, que era escrever sobre a própria máscara, enfatizando o povo, seu uso e costumes. Então, se optou por ampliar a proposta, poderiam escrever sobre o país a qual a máscara corresponde.

A pesquisa bibliográfica referente à diáspora africana foi de fácil acesso, tanto quanto em livros como na utilização da rede integrada de computadores, mas houve mais obstáculos em relação à pesquisa sobre as máscaras africanas, principalmente em livros. A pesquisa pela internet é que tornou viável este trabalho da forma que foi apresentado, sendo necessária muita investigação para que cada máscara tivesse o seu conteúdo correspondente.

Reiteramos que por meio da educação, via currículo escolar e indo além da sala de aula, é possível identificar para se descontruir as situações sociais que geram as desigualdades, as injustiças. Projetos com este enfoque devem ser pautados no Projeto Político Pedagógico da Escola, pois, a data 20 de novembro, conquista do Movimento Negro deve ser vivenciada em nosso dia a dia, como

profissionais responsáveis e atuantes na construção de uma sociedade que valorize a ética, o respeito à diversidade e que se posicione e intervenha diante destas questões que criam um paradoxo, são contemporâneas, mas datam de longo tempo.

Referências

ADOLFO, Prof. Dr. Sérgio Paulo. **A propósito das máscaras,** jul. 2009. Disponível em: <http://mbanzakongo.blogspot.com.br/2009/07/propos-des-masques-httpwww.html>. Acesso em: 20 maio de 2013.

AMARAL, Carla Giane Fonseca do. **A arte africana e sua relevância para a conscientização multicultural**. Universidade Federal de Pelotas: Cadernos de Educação, 2009. [32]:161 - 180, Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n32/09.pdf>. Acesso em: 18 setembro de 2013.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

HERMANN, Leicht. **História universal da arte.** Tradução Guttorm Hanssen. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

OGOT, Bethwell Allan. **História geral da África.** África do século XVI ao XVIII. Brasília: Unesco. 2010.

OSTROWER, Faiga. **A sensibilidade do intelecto**. 7. impressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.

PORTELLA, Adriana. et.al. Inquietações e mudanças no ensino da arte. In: Ana Mae Barbosa (Org.) **A imagem no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHLICHTA, Consuelo. **Mundo das ideias**: arte e educação, há um lugar para a arte no ensino médio? Curitiba: Aymará, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.

Anexos

Anexo 01 – Desenho de máscaras africanas: grafite sobre sulfite A3.
Fonte: Elaborada pela autora.

Anexo 02 – Máscaras confeccionadas com a técnica papietagem sobre bexiga.
Fonte: Elaborada pela autora.

Anexo 03 - Na face posterior consta etiquetas
com o nome dos alunos e a origem/função da máscara.
Fonte: Elaborada pela autora.

Anexo 04 – Visão geral da exposição.
Fonte: Elaborada pela autora.